

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Relação dos indivíduos com *marrumbini*: um estudo a partir de um grupo de naturais de Malehisse, residentes no Bairro de Maxaquene “A”

Candidata:

Artimiza Uamusse

Supervisor:

Agostinho Manganhela

Co-supervisor:

dr. Emídio Gune

Maputo, Dezembro de 2014

Relação dos indivíduos com *marrumbini*: um estudo a partir de um grupo de naturais de Malehisse, residentes no Bairro de Maxaquene “A”

Relatório de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Artimiza Uamusse

O Co-Supervisor

O Presidente do Júri:

O Oponente:

Maputo, Dezembro de 2014

Declaração

Declaro que este projecto de pesquisa original é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas ao longo de trabalho e nas referências bibliográficas as fontes de informação por mim utilizadas na sua elaboração. Declaro ainda que o presente projecto nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Maputo, aos _____ de Dezembro de 2014

Assinatura

Artimiza Uamusse

Dedicatória

O presente trabalho dedico, em primeiro lugar, aos meus pais Fernando J. Wamusse e Adelina Nhane pelo apoio moral que me prestaram desde o primeiro momento da socialização secundária, até à conclusão deste curso.

Ao meu esposo Arsénio C. Marcos quem compartilhou comigo a responsabilidade pela família. Aos meus filhos quem sentiram falta dos meus carinhos quando dedicava atenção aos estudos. E a todos que directa ou indirectamente apoiaram-me no estudos.

Agradecimentos

O presente estudo teve a participação de várias pessoas e algumas instituições que me prestaram apoio, de diversas formas.

Dirijo o meu agradecimento, em primeiro lugar, ao Dr. Emídio Gune, meu supervisor que dispensou parte do seu tempo, paralisando a realização das suas tarefas para discutir o meu trabalho e transmitir as suas experiências académicas e transmitiu o gosto pelas temáticas abordadas neste campo de saber e que contribuíram para a realização deste trabalho.

O meu agradecimento vai também a todos os colegas da turma de Antropologia, que fiz parte, pela ajuda que me prestaram em termos dos debates e discussões sobre o tema deste trabalho.

Dirijo também o meu agradecimento às famílias e instituições que me abriram as portas para a exploração dos dados.

Obrigado!

Índice

Declaração	ii
Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	vi
1. Introdução.....	01
2. Revisão da Literatura.....	04
3. Enquadramento Teórico e Conceptual	11
3.1. Teoria	11
3.2. Conceptualização	12
4. Procedimentos Metodológicos.....	13
4.1. Técnicas de recolha e tratamento de dados.....	14
4.2. Constrangimento durante o trabalho	15
5. Caracterização das áreas de estudo.....	15
5.1. Caracterização do Bairro de Maxaquene “A”	15
5.2. Caracterização e vida social entre Malehisse e Maxaquene	16
6. Relação de indivíduos no Maxaquene com o espaço de Malehisse	21
6.1. Migrantes na Maxaquene ligados aos antepassados em Malehisse	21
6.2. O retorno à Malehisse, saudável, doente ou morto.....	24
7. Considerações finais	33
Bibliografia.....	36

Resumo

O estudo analisa a relação dos indivíduos *marrumbini* a partir das famílias naturais da Malehiusse, residentes no Bairro de Maxaquene “A”, na Cidade de Maputo. Duas abordagens marcam o debate sobre a relação dos indivíduos com o espaço, uma analisa a relação como conflitual em que Homem intervém na Natureza, sem se preocupar pela sua conservação e preservação. Outra abordagem pacífica que defende que para usar e usufruir do espaço é preciso fazer uma aliança com os mesmos.

A abordagem da relação conflitual, exclui a possibilidade de nesses contextos existirem pessoas que conservam e valorizam o espaço e os antepassados e, a da relação fraternal, exclui a possibilidade de ocorrer conflito entre o Homem e a natureza, como se as pessoas vivessem totalmente satisfeitas e em convivência pacífica com a Natureza e antepassados.

Através da observação directa, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais colectivas e individuais notei que as pessoas durante o tempo colonial e um pouco depois, deslocaram-se das zonas de origem para Maputo e África do Sul, os dois grupos fixando casas em Maputo, mas vivendo com o imaginário de voltar para *marrumbini*. Vivos, doentes ou mortos, com esperança de obter a paz, prosperidade, riqueza e perpetuar a sua identidade. A decisão de retornar a *marrumbini* é determinada pelos antepassados da mesma linhagem e antepassados *charrás*.

Diferentemente do que os estudos revelam, ao conceber a relação conflitual e relação pacífica com os antepassados que defende que para usar e usufruir do espaço é preciso fazer uma aliança com os mesmos.

A relação pacífica como maneiras de relacionamento entre as pessoas e o espaço que ocorrem em contextos diferentes, o contexto da presente pesquisa mostrou que estas duas maneiras ocorrem em um mesmo contexto, mesmo grupo social e mesma família. Na relação pacífica ocorrem casos de “conflito” entre as pessoas e o espaço quando elas deixam de seguir ou invocar os antepassados sempre que for necessário.

Palavras-chave: indivíduo, espaço, espaço social e morte.

1. Introdução

O presente trabalho é um relatório de pesquisa realizada entre os indivíduos naturais de Malehisse, que residem no Bairro de Maxaquene “A”, na Cidade de Maputo, A pesquisa iniciou com objectivo de perceber a maneira como estes se relacionam e se identificam com o espaço, olhando para a transladação, durante a recolha de dados constatei um outro cenário que além de voltarem mortos tem também aqueles que voltam doentes e outros saudáveis.

O facto que me inquietou, ocorreu quando estava num velório de um conhecido quando escutei algumas senhoras a comentarem sobre o desejo do morto voltar para terra natal, que no contexto pesquisado, mesmo em condições extremas, de falta de meios financeiros, as pessoas procuram, de toda maneira, enterrar os seus parentes em suas terras de origem. Face a esta situação e a complexidade que envolve os processos de transladação, move-nos o interesse de analisar e compreender as motivações, percepções e significados associados à morte e a terra de origem. Daí que formulamos a seguinte questão: Porquê pessoas naturais de Malehisse, que residem no Bairro de Maxaquene “A” tem o desejo de voltar para *marrumbini*.

Diante dessa situação em que mesmo sem recursos para transladarem os corpos questiona - nos qual é a relação que os indivíduos tem com espaço, e procuramos perceber como a literatura aborda o assunto. Desse estudo constatamos que é analisado em a partir de duas abordagens das quais uma que tem como referencia a relação conflitual e a outra como relação fraternal.

A nível da literatura encontramos duas abordagens que explicam a relação dos indivíduos com o espaço. Uma que defende que entre o indivíduo e o espaço existe uma relação conflitual e, outra defende que entre ambos existe uma relação pacífica. A abordagem sobre a relação conflitual aborda as relações de produção, onde o Homem intervém na Natureza para extrair alimentos e bens de prestígio, sem se preocupar pela sua conservação e preservação (Araújo 1990; Dias 1992 Domingos 2011; Gomes 2008 e Viegas 2008).

Esta abordagem apenas interpreta e explica os contextos cuja intervenção do Homem no espaço é directa e imediata e, não consegue explicar como essa relação ocorre nos contextos onde as pessoas realizam diversos rituais para intervirem no espaço.

A abordagem da relação pacífica, com duas variantes cinge-se na análise e explicação das diversas formas de convivência entre as pessoas, sua maneira de viver e de pensar a Natureza e o meio onde se encontram inseridas, observáveis nas práticas culturais, tais como ritos e rituais associados a vários eventos como a morte, a transladação dos cadáveres, entre outros, que revelam a ligação do Homem e a Natureza (Cunha 1978; Domingos 2011; Gonçalves 2008; Machado 1999; Recueiro 2013 e Silva 2007).

Para a primeira variante desta abordagem, afigura-se a ideia segundo a qual, para usar e usufruir do espaço (Natureza) é preciso, antes de tudo, fazer um ritual de aliança com os guardiões invisíveis (antepassados, génios, orixás, etc.) pois, eles se encontram ligados à natureza (Domingos 2011). Enquanto que, a segunda variante, olha para o culto dos antepassados e atribuição de nomes como modelos culturais pelos quais essencializam suas próprias visões do mundo e operam a partir modo de pensar, considerados importantes num contexto com variedade de interpretações individuais.

Esta abordagem apesar de explicar os processos culturais que traduzem a relação dos indivíduos com espaço, limita-se por considerar que nos contextos onde se realizam rituais para intervir-se no espaço, esse mesmo espaço sempre responde às necessidades das pessoas, assim como estas respondem às imperativas do espaço. Não prevê a ocorrência de problemas sociais, doenças nem morte que o próprio espaço ou as pessoas nelas inseridas podem gerar.

E por considerar que todos os mortos são classificados como antepassados, como também os nomes atribuídos nem todos simbolizam a continuidade da família, pós tem nomes dentro de uma família, que são esquecidos por serem nomes dum amigo ou um viajante, nomes dos familiares da parte materna do casal, pós estes não tem maior peso, dai que não são muitas vezes repetidos.

Tendo em conta ao que acontece no contexto da pesquisa, que não é explicado pelas duas abordagens que identificamos, surgiu-nos o interesse de fazer o presente estudo de modo a compreender a maneira como as famílias naturais de Malehisse, que residem no Bairro de Maxaquene “A” se relacionam com *marrumbini*.

A partir dos dados da pesquisa percebemos que os sujeitos pesquisados retornam vivos ou mortos para sua terra de origem porque eles se identificam com essa mesma terra, e acreditam

que ao proceder dessa maneira buscariam a paz, prosperidade e sucesso nas suas vidas, onde esses entes e os antepassados são mediadores entre os vivos e essa mesma terra e, desempenham um papel fundamental, quer nos deslocamentos quer na inserção e reinserção das pessoas na comunidade de origem e na decisão de retornar a terra nata. No seio deles ocorrem doenças, mortes e conflitos intra e inter familiares, considerados por eles como resultantes da insatisfação de alguns espíritos.

Notou-se igualmente que no mesmo contexto e grupo social, ou mesma família, dependendo das situações e distância temporal e espacial, as pessoas invocam ou deixam de invocar aos antepassados. Sempre que se trata de deslocação dos cadáveres e de pessoas vivas para a terra de origem, antes se informam os antepassados para pedir a protecção.

O presente trabalho está composto por sete capítulos, o primeiro é o de introdução que é seguido pelo capítulo reservado a revisão de literatura, no qual analisamos as principais linhas de abordagem sobre a relação dos indivíduos com o espaço, no caso particular da morte e transladação do corpo. O terceiro capítulo é dedicado ao quadro teórico e conceitual e o quarto é dedicado à metodologia usada no trabalho e onde explicitamos os métodos de abordagem e de procedimento e técnicas de recolha de dados, a natureza da pesquisa e o alcance de tais métodos e respectivas técnicas.

O quinto capítulo diz respeito à caracterização dos locais da pesquisa e da vida social e interação entre as pessoas, lugares e antepassados. No sexto capítulo apresento e analiso os dados do estudo em dois subcapítulos e no sétimo e último capítulo apresento o que o estudo nos revelou sobre o tema em estudo. Nesta parte retomo as premissas da introdução e mostro as tendências que os dados nos transmitiram sobre a relação entre os sujeitos da pesquisa e a sua terra de origem.

2. Revisão da Literatura

Na literatura identificamos duas abordagens sobre a relação dos indivíduos com o espaço, uma que analisa essa relação como conflituosa e outra, como pacífica. A abordagem sobre a relação conflituosa aborda as relações de produção, onde o Homem intervém na Natureza para extrair alimentos e bens de prestígio, sem se preocupar pela sua conservação e preservação (Araújo 1990, Dias 1992, Domingos 2011; Gomes 2008; Viegas 2008).

Araújo (1990), em sua análise no contexto moçambicano, considera a estrutura e a organização da sociedade no espaço, como sendo influenciada principalmente pela política estatal, e se observam nos processos de produção e reprodução (Araújo 1990).

Gomes (2008) refere que actualmente, o principal responsável pela degradação e destruição do meio ambiente é o modelo económico de desenvolvimento capitalista, cujos agentes implementam acções que tiram da Natureza o máximo de produtividade, acima de sua potencialidade natural. Realça o autor, que “Trata-se da ‘coisificação’ da Natureza, que é transformada pela cobiça do homem em coisa, objeto e produto/mercadoria de uso descartável” (Gomes 2008: 272). Entretanto a Natureza uma entidade superior ao Homem, como era entendido pelo próprio Homem, no passado remoto, antes deste desenvolver a ciência e tecnologia.

Segundo Dias (1992), a relação dos indivíduos com a natureza revela-se na satisfação das diversas necessidades humanas, associada a um consumo excessivo de recursos naturais por via de exploração directa. Refere ainda Dias, que o homem tornou-se refém dos meios naturais quando descobriu que os mesmos são finitos e se esgotarão e, para obter o resgate necessita de fazer uma auto-avaliação. Assim, Gomes (2008) propõe que se tenha conhecimento de que

.a importância do meio ambiente em nossa vivência comunitária local, regional e nacional passa pelo nosso entendimento da relação de interdependência (autonomia e dependência mútua) que estabelecemos com a Mãe-Natureza. Homem e Natureza se completam numa única unidade, em que cada Natureza repassa a sua congénere, via trabalho do homem, os seus valores (naturais e humanos) construindo assim uma totalidade superior (Gomes 2008: 266).

Como refere Rosa (2004), o desenvolvimento da indústria fez com que as populações rurais se sentissem forçadas a abandonar o mundo rural e a sua relação tradicional com a terra, para migrarem às grandes cidades. Portanto esta perspectiva não pode ser generalizada porque a experiência do dia-a-dia permite-nos observar que nem todos migrantes se desligaram da sua terra de origem porque alguns, mesmo encontrando a morte nesses lugares de acolhimento, por exemplo na África do Sul, seus corpos são retornados e enterrados na sua terra de origem.

Viegas (2008) sem se dissociar da visão dos autores acima referenciados, salienta que a relação entre as pessoas e o espaço verifica-se na produção, na medida em que se apegam a terra para dela extrair produtos alimentares para a subsistência e, paralelamente a este processo ocorre um processo de sociabilidade, onde se forma um conjunto de sentidos sobre o espaço.

A abordagem da relação conflitual apenas interpreta e explica os contextos cuja intervenção do Homem no espaço é directa e imediata e, não consegue explicar como essa relação ocorre nos contextos onde as pessoas realizam diversos rituais para intervirem no espaço.

Diferentemente desta abordagem, a segunda, da relação pacífica cinge-se na análise e explicação das diversas formas de convivência entre as pessoas, sua maneira de viver e de pensar a Natureza e o meio onde se encontram inseridas, observáveis nas práticas culturais, tais como ritos e rituais associados a vários eventos como a morte, a transladação dos cadáveres, a influência dos antepassados *charrás*, que revelam a ligação do Homem a Natureza (Cunha 1978; Domingos 2011; Gonçalves 2008; Machado 1999; Recueiro 2013 e Silva 2007).

Nesta abordagem, afigura-se a ideia segundo a qual, para usar e usufruir do espaço (Natureza) é preciso, antes de tudo, fazer um ritual de aliança com os guardiões invisíveis pois, eles se encontram ligados à natureza (Domingos 2011). Domingos (2011:10) exemplificando pelo contexto africano, refere que existe o parentesco original entre o homem e a natureza e o seu fundamento da arte de viver é a participação ou a comunhão profunda com a Natureza.

Gomes (2008), Viegas (2008) e Domingos (2011:10) mostram que esta ligação é caracterizada pela interdependência que se traduz nas obrigações recíprocas em que cada Natureza repassa a sua congénere, via trabalho do homem, os seus valores preservando a vida como significado maior da existência do homem no planeta terra. Uma relação vital que associa o homem ao espaço natural como a fonte de valores de subsistência. É uma relação de pertencimento do homem ao seu meio ambiente natural, onde o meio aparece como “sujeito” e homem o “atributo” (Domingos 2011: 9).

Segundo Humbane (2008: 8), a relação dos indivíduos com espaço manifesta-se pelas crenças cosmológicas sobre os espíritos ancestrais, que são concebidos como entidades reais. Por sua vez Lazier (1997) considera a religião tradicional africana como destinada a manter as relações com os ancestrais, as entidades que existem na natureza. Entretanto, estes autores mostram que os ancestrais, antepassados ou os mortos pertencem à Natureza, e são intermediários entre os vivos e a Natureza.

Em conformidade com a visão de Humbane (2008) e Lazier (1997), Domingos (2011) centrado no contexto africano, defende a ideia segundo a qual, o universo no qual vive e morre o africano se compõe de dois espaços ou modos distintos. Um escondido e invisível, o mundo de todos os seres invisíveis e espirituais. O outro visível e observável que é o mundo dos homens, dos animais, dos vegetais e de todo reino mineral, formando uma unidade equilibrada e solidária.

Machado (1999) explica que a morte não é apenas o momento único do fim biológico de cada ser humano, mas um processo que inicia com o nascimento e vai depois condicionar e polarizar as vivências e os comportamentos dos homens em sociedade. Aliado a esta concepção, Clarice (2006) refere que a morte é um destino ou parte da trajectória da vida, a maneira como se lida com a morte está intrinsecamente relacionada aos valores religiosos, morais e culturais da sociedade.

Na visão de Junod (1996), a morte tem ligação com o espaço de origem, na medida em que quando ela ocorre longe de casa, surge a preocupação de enterrar o corpo ou pertences do morto na sua terra de origem, procedendo os respectivos rituais.

Explicando Genep (1978), diz “todos os indivíduos de uma sociedade de uma forma circular passam por uma série de estados e de passagem da vida à morte e da morte à vida, série esta ligada à passagem cósmica, às revoluções dos planetas, à fase da lua”. Explica ainda o autor, que as sociedades humanas concebem e simbolizam os fenómenos como cortes interrompidos para um período de negação dos princípios classificatórios denominados períodos liminares que institui a ordem social.

Ao participar do debate sobre a morte, Machado (1999: 5) definiu-a como um processo que se inicia com o nascimento e vai depois condicionar e polarizar as vivências e os comportamentos dos homens em sociedade. Para o autor,

a morte individual não é o fim do processo, mas um dos seus momentos centrais: é necessário que o morto siga para o seu mundo próprio para que os vivos reconquistem a paz...os vivos não estão completamente do lado da vida, o morto não está completamente do lado da morte...a vida e a morte seguem os seus caminhos próprios, embora por vezes se encontrem. Para o bem-estar de todos, os vivos velam constantemente para que os mortos no seu mundo não os atormentem: o sossego dos mortos é a paz dos vivos (...) Os rituais, polarizados em torno do cadáver, dos enlutados e das almas, são o modo da morte ser integrada e simbolicamente vencida. Formam um todo complexo e multifacetado que abarca não apenas os factos do processo da morte mas extravasa esse contexto para se estender a todos os espaços e momentos da vida (Machado 1999: 3-6).

Para Costa (2004) os antepassados são considerados modelos culturais importantes num contexto com varias interpretações individuais, pelas quais essencializam suas próprias visões do mundo e operam a partir modo de pensar.

Na mesma linha Hickman (2014), acrescenta que a identidade de um grupo se estrutura pelas linhas de ascendência constituídas pelos antepassados e, são símbolos dos grupos vivos sendo, a crença e culto dos espíritos tão importante e referência de identidade nas sociedades, que exige prescrições e directrizes morais que colocam o bem-estar ancestral em primeiro lugar, tanto para si como para os antepassados

Segundo Pina-Cabral (2011) os antepassados dão sentido às situações do presente social mesmo quando o cumprimento das práticas de culto é considerado a causa dos conflitos ou da adversidade. Por isso, o culto dos antepassados constitui um dos factores explicativos da coesão e da desestruturação familiar e é um dos símbolos fundamentais da identidade.

forma complementar Hickman (2014), considera que esta cerimónia é projectada para fornecer cuidados para os pais e avós falecidos a uma série de anos quilométrado a 120 anos após a sua passagem, assim, Hickman, propõe que se tenha conhecimento de que

a preparação pressupõe as relações que se estendem através dos desejos e necessidades dos ancestrais que devem ser cumpridos por descendentes vivos. São comunicados aos descendentes vivos através dos sonhos, manifestações espirituais, e até mesmo episódios de doença, que são muitas vezes tomadas em comunicação significativa que os antepassados falecidos estão em falta de alimento ou recursos na esfera espiritual (Hickman 2014. 327).

Explica Pina Cabral (2011), que no caso de atribuição de um nome a um novo membro da família constitui, simultaneamente, a atribuição do lugar que este passa a ocupar na família. Os nomes podem transmitir ou dar sentido a comportamentos, explicar doenças ou conflitos, estruturando ou desestruturando relações familiares.

Na mesma linha Costa (2004) refere que, a repetição de nomes próprios em diferentes gerações, numa mesma família, simboliza a continuidade da família que recria no presente o seu.

Segundo Costa (2002: 171) citado por Pina Cabral (2010) o Compartilhamento de nome com um membro mais velho da família, vivo ou morto, envolve mais do que lembrança simples, pois implica que a pessoa nomeada assume em forma atenuada os atributos relacionais do doador.

Estes autores buscam a relação dos indivíduos com o espaço em diversos fenómenos que ocorrem na sociedade, tais como a morte, a transladação do corpo, relação essa representada nos ritos, rituais, na maneira de pensar e de agir das pessoas sobre a morte. A maneira como as pessoas tratam os mortos representa a forma como elas se relacionam com o espaço. Assim, considera-se que em alguns contextos, quanto menor for a distância entre o espaço onde se encontra o morto, em relação ao seu parente vivo, maior é a protecção pelo espírito do morto e, conseqüentemente a paz e prosperidade e o bem-estar social (Clarice 2006; Huisman 2001; Humbane 2008; Junod 1996; Lazier 1997; Machado 1999; Costa 2004; Hickman 2014; Pina-Cabral 2010; Pina-Cabral 2011). Isto explica o facto de nesses contextos os parentes procurarem enterrar os mortos perto de si ou em marrumbine. Na maioria dos casos em que a morte ocorre longe de casa, no estrangeiro ou em outras províncias dentro do mesmo país, procede-se a transladação do corpo.

A abordagem sobre a relação, pacífica apesar de explicar os processos culturais que traduzem a relação dos indivíduos com espaço, limita-se por considerar que nos contextos onde se realizam rituais para intervir-se no espaço, esse mesmo espaço sempre responde às necessidades das pessoas, assim como estas respondem às imperativas do espaço, não prevendo conflitos entre ambos.

E por considerar que todos os mortos são considerados antepassados, como também os nomes atribuídos nem todos simbolizam a continuidade da família, pós tem nomes dentro de uma família, que são esquecidos por serem nomes dum amigo ou um viajante, nomes dos familiares da parte materna do casal, pós estes não tem maior peso, daí que não são muitas vezes repetidos.

Das duas abordagens aqui apresentadas depreende-se que a relação conflitual é aquela em que o Homem age pela ignorância sobre a Natureza e a ela se sobrepõe. Não há sacralização do espaço nem dos fenómenos que nele ocorrem, enquanto, tal como observou Domingos (2011), na relação pacífica o, o espaço Natureza é visto como algo sagrado, que se deve respeitar para dela o Homem viver de forma equilibrada e harmoniosa. Aqui, o Homem subordina-se ao espaço, considerando-o como seu progenitor. Mas considerar que o Homem e a Natureza estabelecem uma relação equilibrada e harmónica, retoma-se a perspectiva funcionalista, segundo a qual entre estes tudo funcionária de modo harmónico relativamente aos imperativos

do “sistema” social, enquanto os valores podem encontrar expressão num âmbito existencial (Crespi 1997: 94).

De forma geral, as perspectivas dos autores referenciados nesta revisão de literatura permitem perceber que entre o indivíduo e o espaço existe uma relação de interdependência que de certo modo é obscurecida e ignorada devido ao espírito desenvolvimentista do Homem, onde o espaço é simbolicamente representado na maneira de viver, pensar e agir das pessoas sobre determinados fenómenos como a morte, em diversos contextos sociais. Trata-se de um espaço social que nem sempre coincide com um espaço físico-geográfico.

A relação entre o indivíduo e o espaço, em alguns contextos é tendencialmente harmónica e equilibrada e, em outros, desequilibrada. Estas perspectivas permitem também perceber a morte e transladação como umas das maneiras como as pessoas, em alguns contextos, entram em contacto com a Natureza para garantir a vida.

O presente estudo adota a segunda abordagem porque permite perceber a maneira como as pessoas vivenciam, pensam e agem sobre o espaço e com ele se relacionam e se relacionam entre si e os mortos.

3. Enquadramento Teórico e Conceptual

Teoria

Na exploração da revisão de literatura destacamos os principais pontos de referência teóricas, sobre a relação dos indivíduos com o espaço, uma que analisa a relação como conflitual e outra, como pacífica, de forma a identificarmos a perspectiva que se enquadra melhor para orientar a análise e a compreensão do estudo.

A abordagem sobre a relação conflitual aborda as relações de produção, onde o Homem intervém na Natureza para extrair alimentos e bens de prestígio (Araújo 1990; Dias 1992; Domingos 2011; Gomes 2008e Viegas 2008).

A abordagem, sobre a relação pacífica cinge-se na análise e explicação das diversas formas de convivência entre as pessoas, sua maneira de viver e de pensar a Natureza e o meio onde se encontram inseridas, observáveis nas práticas culturais, tais como ritos e rituais associados a vários eventos como a morte, a transladação dos cadáveres, entre outros, que revelam a ligação do Homem e a Natureza (Costa 2004; Cunha 1978; Domingos 2011; Gonçalves 2008; Hickman 2014; Machado 1999; Pina-Cabral 2010; Pina-Cabral 2011; Recueiro 2013 e Silva 2007).

Para melhor explicarmos este fenómeno recorreremos a segunda abordagem na medida em que esta se enquadra melhor para responder a questão em causa, e permite construir exaustivamente o conhecimento social e interpretação profunda da realidade dos indivíduos. No caso específico do objecto de análise deste trabalho, esta nos ajudará a perceber a sua cultura, o significado que dão ao espaço e, daí estabelecermos a relação que eles têm com esse mesmo espaço.

Neste sentido ligando a nossa perspectiva de abordagem, compreendemos que a relação dos indivíduos com espaço é uma realidade socialmente construída, interiorizada e reproduzida pelos actores sociais. Portanto, é através da relação pacífica que desenvolvemos as discussões apresentadas entre os indivíduos do Bairro de Maxaquene “A” que tem o desejo de voltar para *marrumbini*.

3.1. Conceptualização

Indivíduo

Segundo Velho (1981) Indivíduo refere-se aquilo que não pode ser dividido, pessoa considerada isoladamente, em relação a uma colectividade, aquele que tem a capacidade de pensar, reflectir e recorrer a seus dotes racionais.

Diferentemente de Velho, Maria (2000) concebe o indivíduo como algo separado dos objectos e enquanto um corpo que existe entre outros corpos viventes. A partir dessa percepção, constrói-se o mim e se desdobra a formação do indivíduo. Esses processos ocorrem no encontro com outros homens, e, por isso, o “mim”, é uma invenção da humanidade. Pode-se falar de uma inter-relação da personalidade corporal que se distingue do mundo e da personalidade social, que se constitui nas relações com o grupo.

Neste estudo defino indivíduo na perspectiva de Velho e Velho M. pois permite perceber de que modo esse mesmo se relaciona com os outros.

Espaço

Segundo Bachelard (1989), espaço é imagem construída e atribuída às representações da nossa existência. Araújo e Cardoso (1998) consideram o espaço como um lugar que os indivíduos se apropriam para residir e para realizar as suas actividades, onde interagem e constroem a sua identidade e sua própria cultura e dão sentido as coisas e a vida. Castilho (2010) salienta que nesse espaço há uma relação com o modo como as pessoas se conectam com o que acreditam.

Espaço Social

Segundo Liesegang (1998: 102, 103) o espaço social é uma área de manifestação de um conjunto de regras e normas que albergam recursos importantes para a sobrevivência do indivíduo, dos seus descendentes e de grupo em geral. Refere o autor que as regras, linguagem, comportamentos e valores fazem parte da cultura instituída e, esta envolve todas as manifestações ou interacções dos indivíduos e representações colectivas que emergem da intenção dos homens em sociedade. Assim, o espaço geográfico é também um espaço social.

Na definição do espaço e espaço social permite compreender ou diferenciar o lugar que os indivíduos consideram como terra de origem.

Morte

A morte é um facto cultural, pelas representações que induz, quanto à sua natureza e origem, pelos fantasmas e imagens que suscita, pelos meios que mobiliza para se recusar ou para se ultrapassar. As sociedades querem reencontrar a paz e triunfar, idealmente, sobre a morte. Repousam, por isso, num desejo de imortalidade. Porque a sociedade se pretende um ser imortal, quando a morte irrompe provoca uma ruptura ontológica (Machado 1999: 8).

A definição da morte permite compreender a lógica e o significado que as pessoas atribuem as manifestações do fenómeno.

4. Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho é de carácter exploratório. Neste trabalho fiz uma observação, ouvi e documentei a maneira com as pessoas se relacionam.

O presente trabalho comportou três fases complementares, que são a fase teórica, a de pesquisa exploratória e de análise e interpretação de dados.

Na fase teórica efectuamos de literatura, dos artigos, monografias, dissertações e teses sobre a relação dos indivíduos com espaço, e constatei que existem duas perspectivas sobre o assunto. Foi na base dessa literatura que identifiquei a teoria.

Na pesquisa exploratória tornamo-nos “participante como observador. Nesse processo, foi possível perceber que elas se relacionam com o espaço porque se identificam mais com sua terra de origem e consideram-a um local sagrado onde, esperam obter a paz, prosperidade, riqueza e perpetuar a sua identidade.

Para a recolha de dados baseamo-nos na observação directa, onde observamos directamente os processos de transladação do cadáver e o que as pessoas envolvidas falavam. Com esta técnica, descrevemos o comportamento no processo de transladação do corpo, o local da sepultura, o ambiente do local, regresso dos indivíduos saudáveis e doentes e forma como se manifestam os naturais do Bairro de Maxaquene “A”.

4.1. Técnicas de recolha e tratamento de dados

A recolha de dados desta pesquisa foi feita no Bairro de Maxaquene “A”, o estudo começou em 2012, foi feito junto a 15 pessoas naturais da província de Gaza, sendo 7 mulheres viúvas, 5 mulheres e 3 homens órfãos de pai e mãe. As idades dos entrevistados variam entre 38 e 63 anos.

Na recolha de dados foram realizados vários encontros, onde tivemos acesso a identificação das viúvas porque segundo elas, não havia nada que esconder e que essas eram as histórias das suas vidas.

Fizemos duas deslocações a província de Gaza, em Malehisse e Chibuto, a acompanharmos as famílias que trasladavam os corpos dos seus parentes. Nesta cerimónia recolhemos informações sobre as acções e comportamentos dos envolvidos, em todo o processo cerimonial, desde a saída até a chegada do corpo à casa e até ao local da sepultura.

Nessas deslocações a colecta de dados baseou-se na observação directa, tendo recolhido as informações, no momento em que as cerimónias decorriam. Esta forma de recolha de informações deveu-se ao facto de os parentes dos falecidos estarem angustiados e tensos. Preferimos interpelá-los depois de alguns dias. Na análise de dados nem todas as informações foram usadas, tendo preferido aquelas que nos ajudassem a materializar o objectivo da pesquisa.

Durante as entrevistas os informantes procuravam saber se teriam remuneração pelas informações. E para não darmos esperanças de remuneração em troca da informação, identificamo-nos como estudante da Universidade Eduardo Mondlane e explicamos que não se tratava de nenhum negócio, mas sim, de uma contribuição para o conhecimento sobre o que acontece na nossa sociedade. A seleção dos participantes foi feita na base de afinidade, da disponibilidade para conversar, durante a pesquisa, e criação de amizades. Com base nas conversas informais dos indivíduos naturais de Gaza, residente no Bairro de Maxaquene “A” foi possível ter o perfil dos entrevistados.

4.2. Constrangimento durante o trabalho

O principal constrangimento com o qual nos deparamos na realização deste trabalho foi o facto de não termos conseguido presenciar a retirada dos restos mortais da campa, no Cemitério de Lhanmguene para Gaza, o momento que mais queríamos acompanhar e observar. Outros constrangimentos se registaram durante as deslocações, dada a falta de transporte por se tratar de um período chuvoso, a hospedagem pelo facto de todas as casas estarem lotadas pelos familiares mas próximos e a falta de água.

O trabalho feito no Bairro de Maxaquene foi difícil, primeiro para localizarmos o Chefe do Quarteirão, as famílias que já tivessem feito ou que iam fazer a transladação do corpo ou restos mortais dos seus parentes, a disponibilidade das pessoas para interagirem connosco.

Para superarmos estes entraves foi preciso criarmos condições financeiras e viajar de transporte pessoal. E, quanto a hospedagem tivemos que dormir em uma pensão na Cidade de Xai-xai. Para localizarmos as pessoas que precisávamos (Chefe de Quarteirão e famílias em processo de transladação), no Bairro de Maxaquene recorremos às amigas que havíamos constituído com algumas pessoas e estudantes da Universidade Eduardo Mondlane.

Com base nas influências tivemos oportunidade de assistir as cerimónias de acompanhamento do cadáver, em uma família e em outra, dos pertences do falecido (roupas). Este último caso deu-se porque antes os filhos haviam ignorado as decisões dos seus tios paternos que queriam que o falecido fosse enterrado na sua terra de origem.

5. Caracterização da área de estudo

5.1. Caracterização do Bairro de Maxaquene “A”

O Bairro de Maxaquene “A” localiza se na cidade Maputo faz parte de 8 (oito) Bairros que formam o Distrito municipal KaMaxaquene, é composto por 60 quarteirões, faz fronteira a Norte com o Bairro de Mavalane através da Av. das FPLM, a Este com o Bairro de Maxaquene “B” através da Av. Milagre Mabote, Oeste com o Bairro da Urbanização através da Av, Acordos de Lusaka e Sul com Bairro de Malhangalene através da Av. Joaquim Chissano.

O bairro tem a cerca de 22.750 de habitantes, na sua maioria vindos de campo desde o período colonial e durante a guerra dos 16 anos, onde este era considerado local de refúgio à situação que se fazia sentir nas zonas de origem.

No referido bairro encontram-se pessoas provenientes de todas as províncias do sul de Moçambique bem como estrangeiros, entre eles os Nigerianos, Burudeses, Ruandeses. As religiões encontradas neste Bairro são Ziones, Metodista, Velha e doze Apóstolos e curandeiros. Os sujeitos da nossa pesquisa no caso, doença, morte e transladação de cadáveres recorrem a estas religiões.

5.2. Caracterização e vida social entre Malehisse e Maxaquene

Malehisse é um Posto Administrativo que se localiza no Distrito de Chibuto, na província de Gaza. O posto subdivide-se em 5 localidades a saber: Bambane, Coca-Missava, Maivene, Magumbe e Lixaxane.

Na área da Saúde, Malehisse possui 55,628 habitantes cobertos 3 unidades sanitárias. Por sua vez na área da Educação Malehisse conta com um total de 22 escolas. A língua falada é predominantemente ci-changana.

Parte dos jovens, adultos e velhos naturais migraram para a Cidade de Maputo ou para a África de Sul, por motivos laborais, alguns dos quais tenham se deslocado para esses lugares devido a Guerra e trabalho migratório, nos períodos colonial e pós-colonial, actualmente alguns continuam a deslocar se para visitar os seus familiares, por lazer ou oportunidades de emprego.

A comunidade de Malehisse está estruturada da seguinte maneira: um régulo, Chefes de quarteirões e Chefes de 10 casas. Para garantir o sustento das suas famílias, as mulheres, assim como os homens, dedicam-se a venda de produtos da machamba, criação de gado, e trabalho assalariado. Uma parte destes migram para trabalhar nas minas da África do Sul, enquanto outros preferem a Cidade de Maputo para fazer comércio e trabalhar nas indústrias.

As comunidades mantêm boas relações de familiaridade e vizinhanças e, têm crença nos antepassados com quem mantêm também boas relações. A maior parte das mulheres que

migram para a Cidade de Maputo seguem os seus maridos e, dedicam se aos trabalhos domésticos e venda no mercado.

Os avos do meu pai eram de uma família alargada, onde ate hoje se mantém essa tradição meu avó casou e construiu uma casa ao lado da casa do pai, e com os vizinhos tem tido uma relação saudável, quando chega a altura de colheita fazem escala para colher os produtos, mesmo quando se trata de doença eles tem o habito de contribuir com alguma coisa como produtos alimentares (Senhora Rosalina de 59 anos, viúva com 7 filhos, residente no Bairro de Maxaquene).

Quando vamos a casa do meu pai em Gaza todos vizinhos mais próximos vem para nos saudar, e trazem consigo castanhas, fpuma em português uma farinha feita de uma fruta com o nome de cuácia (Jorge 38 anos 2 filhos residente em Maxaquene).

Para estas comunidades, antepassados, tal como definiu Alberto, um dos informantes de 62 anos, residente em Maxaquene), são

...todos aqueles que morreram, podem ser homens ou mulher e têm tronco comum, pertencem a mesma linhagem e nós designamos de “tinguluve” ou “vafe” em português antepassado, da primeira geração em relação a quarta geração dos avos, a irmã do avô “hahanes”. A avó casada nesta família, passa a ser antepassado, pelos laços de parentesco criados no casamento. Mas ela não tem o poder de decidir os assuntos da família. No caso de haver algum problema ela é convocada porque tem o apelido adotado. Os antepassados que têm o poder sobre nós devem ter o mesmo apelido que nós. Estes podem fazer mal como também podem nos proteger, e a maldade deles pode ser fatal, são os da linhagem paterna, enquanto que os da linhagem materna têm o poder de proteger. A maldade deles não é fatal porque só funciona para pessoas do mesmo sangue e mesmo apelido (Alberto de 62 anos residente em Maxaquene).

Este depoimento mostra maior interesse da família paterna em procurar estar perto dos seus antepassados. Tem também a ideia de que existem profundas diferenças entre antepassados da família materna e paterna, tais diferenças manifestam-se sobretudo na forma como estes dois

grupos de antepassados se comportam e se dirigem aos indivíduos. São legitimados e respeitados consoante o parentesco. Muitas vezes, são eles que influenciam nos descendentes na decisão de regressar a terra natal, principalmente aos *charrás*, aqueles que são atribuídos os seus nomes, que se sentem obrigados a cuidar dos antepassados no *marrumbi*,

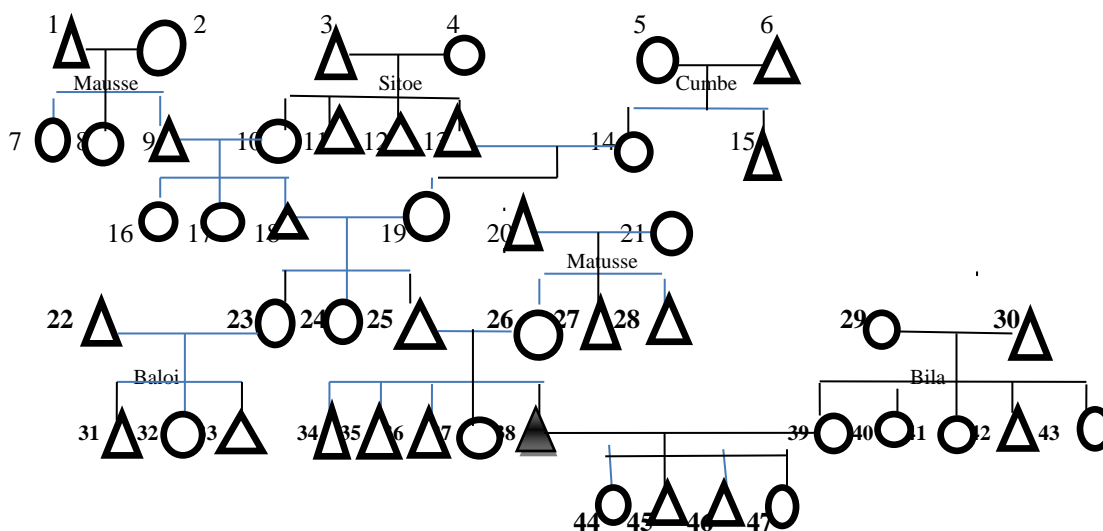
A avó do meu pai é chamada de antepassado, porque pertence a família Mause, mas ela é convocada porque a partir do momento em que se invoca o nome do avô do meu pai, ele estará também presente. Como por exemplo (na mivitana vakoquane mo tlhagana ni lava ni varivalike na mi vitana ni vaka Siteo) convoco-vos Mausses, juntem-se aos outros que não nos lembramos, e os Siteos também, ela é considerada antepassado na família dos pais dela (senhora Rosalina de 59 anos, viúva com 7 filhos, residente no Bairro de Maxaquene).

Aliado a isto, um informante disse,

Considero meus antepassados todos Cumbes já falecidos mas quando se trata de uma missa “Mhamba” invoca se os ovos paternos, normalmente os tios, as tias que os nomes foram usados com muita frequência nos filhos da família, e apela-se que os Cumbes chamem os Nhanes da família materna. Eu quando estou numa aflição pergunto (mu kuine vaka Cumbe) onde é que estão os Cumbes (Jacinto de 63 anos residente em Maxaquene).

Estes dois depoimentos mostram que a família Siteo e Nhane são chamadas em segundo lugar para ajudar a resolver o problema, mostra também que a uso rotativo do nome faz com que estes sejam os mais convocados, isto está patente na fg. (1) .

Árvore genealógica da família Mausse e Siteo a explicar a legitimação dos antepassados fig. (I)



Legenda

- 7, 8,9 e 10 1ª geração ascendente de 34,35,36,37 e 38.
- 7, 8, 9, 10, para cima são considerados antepassados Mause.
- 10, 11, 12, 13 são antepassados dos Siteo.

Entre os vivos e os mortos se desenvolvem uma série de relacionamentos que denotam que no seio destes há interdependência, subordinação dos primeiros pelos segundos. Neste contexto, a morte constitui um veículo para unir ou desunir as pessoas. Por exemplo, quando morre um indivíduo, no acto da realização de todas as cerimónias associadas ocorrem interacções e contactos que resultam na constituição de relações profundas e mais sólidas baseadas no parentesco, vizinhança e associações. É durante as cerimónias fúnebres que as pessoas se reúnem para formar grupos de *xitique*, passando a ter visitas rotineiras semanais ou mensais. Aliado a isto, um informante disse,

Já houve na família vários eventos, como de nascimento de uma criança, comemoração do natal e fim de ano e casamentos, mas não se conseguiu juntar famílias como aconteceu na morte do meu pai aqui em Maputo, e seu enterro, em Gaza. Não tenho ido a Gaza devido ao custo de transporte mas agora já consigo ter notícias da minha irmã que ficou em casa, através do telefone. O meu irmão que está na África do Sul também costuma dar notícias, assim como primos e tios que participaram no enterro do papá, graças a conversas que tivemos naquele momento.

Aproveitamos esse momento para fazer xitique para podermos nos visitar (senhora Rosalina de 59 anos, viúva de 7 filhos, residente em Maxaquene).

Outro depoimento que também testemunha a fortificação dos laços familiares a partir da morte de um parente,

Eu sou o neto mais velho da família do falecido meu avó paterno, sempre que se pretende fazer missa e outros eventos tenho tido privilégio de opinar nas questões ligadas a família porque todos viram o grau da responsabilidade aquando do seu falecimento e enterro. Sinto-me honrado porque estou rodeado de muitas famílias que naquele momento nem as conhecia (Jorge de 38 anos, com 2 filhos, residente em Maxaquene).

A intervenção da Rosalina leva-nos a entender que para manter relações familiares as famílias adoptam o sistema de reuniões,

Sempre que acontece alguma coisa nós somos informados, quando há uma doença difícil de tratar somos convocados para participarmos da cerimónia “mhamba”, onde são convocados todos os antepassados e procurar saber o porquê de tanto sofrimento. (Palmira de 40 anos residente em Maxaquene).

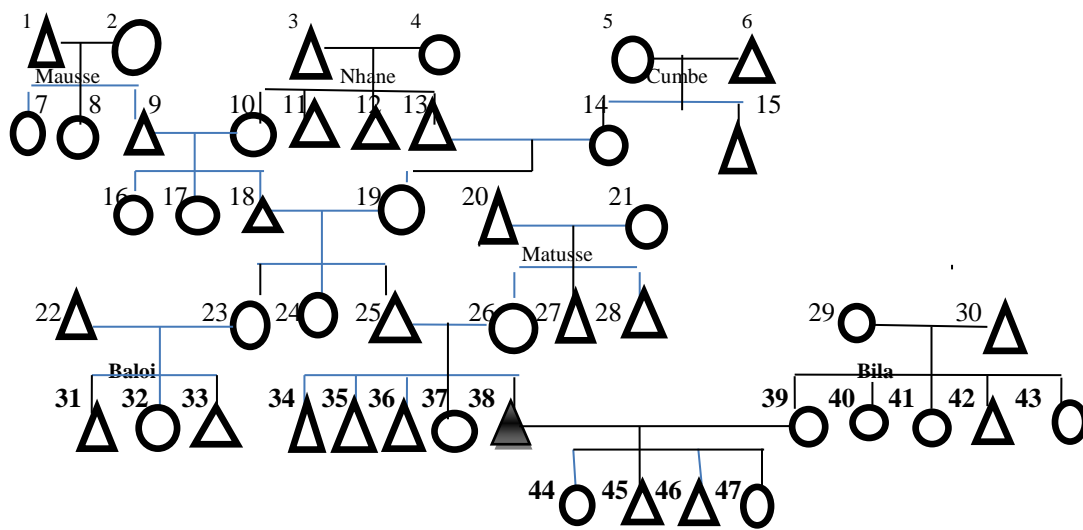
As intervenções da Rosalina e do Jorge mostram que a partir das circunstâncias de agonia constituem-se novos relacionamentos que contribuem para o controlo e manutenção das regras e garantir a coesão social entre famílias, bem como preservar a cultura e tradição das famílias. Assim, podemos afirmar, nos termos de Machado (1999: 8), que a morte é “um facto cultural, pelas representações que induz, quanto à sua natureza e origem, pelos fantasmas e imagens que suscita...”.

O meu pai tinha o nome do meu bisavó, na altura em que estava na África do sul sonhava com alguém que dizia ele não conhecer, o sonho dizia que tinha que voltar para limpar a sua casa porque estava abandonada, quando volta a casa onde estava a tia irmã do pai (hahane), explicou o que estava acontecer, e procuraram o intermediário dos vivos e antepassados, onde este explicou que o charrá dele que era o avó do seu pai, procurava-o para cuidar dele, e sempre que vinha de África sul uma vez por ano realizava uma missa (mhamba) e na volta comunicava-os para lhe proteger nas minas. Isso fez com que na

altura da sua morte levassem-no para o local onde foi enterrado o seu avô (senhora Rosalina de 59 anos, viúva com 7 filhos, residente no Bairro de Maxaquene).

Para mais compreensão da relação dos sujeitos da pesquisa com os seus antepassados, ver as árvores genealógicas das famílias Mause e Siteo, na fig. (II).

Árvore genealógica da família Mause e Nhane a mostrar a influência dos nomes **fig. (II)**



Legenda

7, a, 9, 16, a 18, 23, a 25, 34, 38 e 44, a 47 são charás influenciados pelos antepassados mausses na decisão de regresso a terra de origem.
 10, 19, 26 e 39 são charás que os antepassados não influenciam os Mausses.

6. Relação de indivíduos no Maxaquene com *marrumbine* de Malehisse

6.1. Migrantes na Maxaquene ligados aos antepassados em Malehisse

Neste capítulo analisamos e interpretamos os processos da migração e de socialização dos indivíduos naturais de Malehisse, residentes no Bairro de Maxaquene “A”, desde a organização social em Malehisse, até a chegada na Cidade de Maputo, retorno a Malehisse e perceber a relação que eles têm entre si e os antepassados.

No bairro de Maxaquene tem pessoa que vieram de Malehisse directamente para Maputo e outros saíram de Gaza para África do Sul, os que saíram de Gaza para África do Sul, alguns voltaram para Gaza e outro enquanto trabalhavam na África do Sul procuravam residência em Maputo, e a suas esposas vinham de Gaza e outras de Maputo, razão pela qual anualmente visitavam as suas duas casas sempre que vinham de África do Sul.

Existem aquelas que se estabeleceram no período colonial, após a independência nacional e os recém chegados. Os preestabelecidos têm prestado apoio logístico, social e financeiro aos últimos, assim como instruí-los e ensiná-los a valorizar as suas origens, mesmo no caso da morte de um parente, facto que tem se manifestado pela transladação dos cadáveres para Gaza, acompanhada pelas respectivas cerimónias presididas quer pelos pastores das igrejas quer pelos curandeiros, dependendo da filiação religiosa ou inclinação a determinada tradição.

As motivações das migrações da maioria das pessoas por nós interpeladas, para Cidade de Maputo esteve ligada a procura de emprego, como demonstram alguns depoimentos, mas aos se deparar com a morte, algumas delas são enterradas na sua terra de origem, outras voltam depois da reforme em bom estado de saúde e outros já com a saúde debilitada,

Quando sai de Chidenguele para Maputo fiquei um tempo na casa do familiar de um vizinho em Chidenguele, o meu pai não queria que eu viesse a Maputo, porque segundo ele, não havia de conseguir estabelecer me e que o colono era muito rigoroso e havia de me fazer esquecer as minhas origens, a minha tia disse que não podia me casar com maronga porque não gastavam de trabalhar e que elas não haviam de cuidar de mim, mas na altura o único lugar onde podia ter um trabalho remunerado era aqui (Salvador mais ou menos de 70 anos de idade residente na Bairro de Maxaquene)

Cheguei a casa do meu primo, quem me levou para um grupo de pessoas oriundas da mesma zona para me apresentar, daí com ajuda do grupo dinamizador, deram-me um espaço onde estou até agora a viver. Quando cheguei aqui não tinha emprego nem dinheiro para me sustentar mas com a ajuda dele conseguia comer e dormir, só mais tarde é que comecei a trabalhar na empresa de construções na Costa do Sol. Hoje já tenho minha casa minha esposa, filhos e netos. Algo que o meu primo me falava sempre é que não devia esquecer de onde venho e que tinha de voltar para visitar, pelo menos uma vez por mês ou sempre que possível. Deu-me muitos exemplos de alguns familiares que foram enterrar os seus parentes em Gaza, após a morte. (Jacinto de 63 anos residente em Maxaquene).

Outro caso similar ao relata no parágrafo anterior é o do marido da Sr^a Carolina que também foi recebido pelo seu tio na Cidade de Maputo,

Minha mãe estava separado do meu pai e éramos muitos filhos, e sendo o primeiro filho e com idade de casar o meu pai arranjou me uma esposa que tempo depois ela engravidou e na altura o cultivo não estava dar e estava a passar necessidades, até que o meu tio irmão do meu pai que já estava aqui há muito tempo mandou dinheiro para que eu viesse arranjar emprego. Deu-me um quarto e apresentou-me ao Chefe do quarteirão que depois foi contratado pelo Conselho Municipal prestar os seus serviços naquela instituição, e depois de 3 meses mandei o dinheiro para o transporte da minha esposa e a minha Filha (Alberto de 62 anos residente em Maxaquene).

Conforme é notável no depoimento acima transcrito, o informante referiu que todo o apoio foi prestado pelo seu primo que vive em Maputo á bastante tempo. Para além dos parentes preestabelecidos na Cidade de Maputo, os vizinhos e parentes fixados na zona de origem (Gaza) constituem elementos-chave no processo de socialização e apoio aos recém chegados, no Bairro de Maxaquene “A”. No caso do depoimento do Sr. Alberto este processo ocorre através de comunicação, apoio moral e envio de alimentos e remédios, no caso de doença.

Quando cheguei a Maputo os meus pais sempre me diziam que não podia ficar em Maputo por muito tempo sem visitar á terra e que tinha de estar em contacto com eles e seguir os costumes e hábitos da família. O meu vizinho teve um papel muito

importante na minha chegada aqui na Cidade de Maputo. Foi ele que me indicou vários sítios, mercado, hospital e outros locais onde podia encontrar os meus conterrâneos no Bairro. Sempre me aconselhou que me lembrasse da onde venho porque é lá onde os meus avós estão enterrados e são eles que nos dão a sorte e nos protegem de todos males. Quando comecei a trabalhar fazia questão de sempre que conseguir um valor comprava alimentos e remédios para mandar para casa (Alberto de 62 anos residente em Maxaquene).

Para além das relações que acontecem na intervenção da morte existe outros processos que intervêm no relacionamento, tais como comunicação através dos telemóveis, envio de medicamentos e de produtos alimentares, a solidariedade dos vizinhos nos momentos tristes e alegres, troca de conversas para manter boa vizinhança. Vejamos como ilustram os extractos abaixo,

(...) Quando ainda estava a trabalhar fazia os possíveis de todos meses mandar medicamentos para minha mãe e meu pai e por sua vez eles mandavam produtos da colheita das machambas, na altura mandavam pelo machimbombo das oliveiras, mas agora os meus filhos e que fazem esse trabalho mandando para as tias. (Alberto de 62 anos residente em Maxaquene).

Outro depoimento que também testemunha que apesar de terem saído da terra de origem estes não se desligaram totalmente dos seus parentes,

O meu tio que trabalhava na África do Sul no fim do ano mandava produtos pela wenela, antes de voltar para Gaza. (...) Com os meus vizinhos temos nos encontrado nos fins-de-semana quando podemos, ele são como minha família porque qualquer coisa que acontece durante o dia ou noite eles é que mi acodem, os meus familiares estão a longas distâncias da qui, são festas, doenças falecimentos eles e que estão a par de tudo por se encontrarem perto de mi (Senhora Cacilda de 58 anos, residente no Bairro de Maxaquene).

O que se observa nos extractos acima descritos, é que além da relação que se estabelece com os familiares distantes, há uma relação que ocorre entre os vizinhos, que dá entender que estes

têm um papel importante na proteção e no acolhimento, quando estão em situações alarmantes.

A partir da saída de Malehisse até Maputo as pessoas passam de um processo que lhes guiam nas suas vidas, o acolhimento dos familiares, na chegada, a relação que eles mantêm com os que ficaram, isto mostra como estas procuram manter as suas tradições.

6.2. O retorno à Malehisse, saudável, doente ou morto

No bairro em estudo encontramos três grupos de pessoas que regressam para Gaza, *marrumbini*, com bom estado de saúde, doentes e outros mortos.

No caso das pessoas que regressam com bom estado de saúde, elas mantêm em sua consciência a ideia e desejo de regressar à *marrumbini*, quer por iniciativa própria quer por influência dos seus antepassados, seus guardiões. Por antepassados, o grupo alvo entende como definiu Alberto, um senhor de 62 anos, residente em Maxaquene.

O meu pai é reformado do Ministério da Saúde já a 7 anos, na altura fomos reconstruir a casa onde está até hoje a viver com a nossa mãe. Eles têm machambas onde produzem milho, mandioca e amendoim (Isabel de 52 anos residente no Bairro de Maxaquene).

O meu avô quando acabou o contrato de trabalho na África do Sul veio levar a minha avó para Gaza e deixou os meus pais aqui, e foi viver na casa onde era dos meus bisavôs (Alberto de 62 anos residente em Maxaquene).

Meu pai era pintor e canalizador, minha mãe era servente do Hospital Central de Maputo. Em 1999, minha mãe teve a sua reforma e meu pai decidiu que tinham que voltar para casa para cuidar da machamba e criar gado. Em 2003, meu pai voltou mas a minha mãe ficou, só depois de um ano quando meu pai começou a ficar doente ela teve que ir ao encontro dele para cuidar dele (João 48 anos residente no Bairro de Maxaquene).

Quanto aos que retornaram doentes,

A minha tia quando começou a adoecer levamos para hospital ficou de baixa durante três semanas e, voltou ao convívio familiar e pediu que levássemos para Gaza onde ficou um mês, e voltou porque estava de novo doente. Fez tratamento e ela mesmo viu que a doença já não a deixaria viva. Foi nessa altura em que pediu que a levássemos novamente de volta, tentamos convencer para ficar e continuar com o tratamento, mas já tinha decidido voltar porque caso não fizéssemos isso ela nos daria muito trabalho. Não entendíamos porque é que dizia que ia nos dar trabalhos. Seguiu-se a sua vontade, e lá permaneceu viva apenas dois dias (Jorge de 38 anos residente em Maxaquene).

O meu irmão desde que nasceu foi uma pessoa doentio, que até aos 36 anos não tinha conhecido uma mulher porque segundo os curandeiros ele tinha que voltar para Manjacaze porque o charrá dele queria que assumisse o papel de curandeiro e que tinha que trabalhar com a mulher dele, mas essa mulher se referiam o espírito da minha bisavó que já tinha falecido. Isso foi ignorado durante muito tempo até que chegou uma altura em que ele tinha desmaios constantes e a medicina não conseguia resolver, assim foi lavado para Manjacaze em casa do meu tio irmão do meu pai, e meu tio levou para casa do curandeiro onde está aprender o trabalho, mas segundo eles ainda continua doente (Palmira de 40 anos residente em Maxaquene).

Esta informação mostra porquê o maior interesse só parte da família paterna em procurar estar perto dos seus antepassados. Tem também a ideia de que existem profundas diferenças entre antepassados da família materna e paterna, tais diferenças manifestam-se sobretudo na forma como estes dois grupos de antepassados se comportam e se dirigem aos indivíduos. São legitimados e respeitados consoante o parentesco. Muitas vezes, são eles que influenciam os descendentes na decisão de regressar a *marrumbini*, principalmente aos *charrás*, aqueles que são atribuídos os seus nomes, que se sentem obrigados a cuidar dos *marrumbi*. Para mais compreensão da relação dos sujeitos da pesquisa com os seus antepassados, rever a fg (II) na pg. 21

No seio das famílias, sujeitos da pesquisa, quando ocorre a morte o cadáver ou algumas peças do seu vestuário são frequentemente trasladados e enterrados na sua terra de origem (Gaza). Este processo decorre da realização de diversos rituais, desde a saída da morgue do hospital,

passagem pela casa onde vivia para a despedida da família, chegada a terra de origem e até a sepultura final,

Quando morreu o nosso pai dirigimo-nos à Direcção da Morgue do Hospital Central para fazer um pedido de transladação do corpo, onde seguimos todos os trame-tos necessários. Quando saiu o despacho de autorização da saída do corpo, os agentes da Medicina Legal preparam o corpo de maneira que este fosse trasladado nas melhores condições. Na saída de casa para Gaza fizemos um banho com folhas (.....) que serviu para purificar-nos e, evitar possível tragédia durante a viagem, e na chegada o régulo mobilizou a população a não ir à machamba no dia do enterro (Palmira de 40 anos residente em Maxaquene).

Este processo tem suas regras que devem ser cumpridas com rigor, sob o risco de a cerimónia tornar-se o fracasso e, a morte trazer azar na família. Uma das regras é a que está abaixo transcrita.

Como podemos observar a partir do depoimento que se segue, a morte mais do que um fim da vida, é uma continuidade, pois algumas pessoas acreditam que quando alguém morre pode prejudicar ou trazer benefícios aos vivos, dando-os a sorte, sucesso e prosperidade, desde que estes sejam respeitados e valorizados, sendo a visita aos *marrumbini* (lugar onde viviam os ovos paternos que serve de acolhimento familiares mortos), a transladação do cadáveres e cerimónias como *kupaflha* e missas, considerado momentos em que se manifestam o tal respeito e a valorização desses espíritos,

No estado em que se encontrava o meu pai não dava para se deslocar nem para hospital e nós não tínhamos dinheiro para o levar para casa dos seus avós onde ele tanto queria estar, mas depois de morrer os meus tios vieram o buscar e custearam todas as despesas, até a própria missa eles mataram uma cabeça de gado. Quando o nosso pai estava doente informamos aos nossos tios e eles nunca tinham mandado dinheiro para as despesas do hospital, mas a última missa que fizeram pareceu uma festa de casamento. Temos ido a Malehisse sempre que chegar o mês em que ele faleceu. Os meus tios fazem sempre a missa, nunca passou um ano sem termos ido a Gaza, mas quando estava vivo eles vinham de África do Sul nem sequer passavam

cumprimentar. Agora que está morto a preocupação é maior (Jorge 38 anos 2 filhos residente em Maxaquene).

Para além da preocupação em cuidar do morto os indivíduos preocupam-se em fazer as vontades do morto temendo represálias, como podemos apreender a partir do exemplo da Rosalina,

(...) Não podia deixar de levar o meu marido para Gaza porque ele sempre dizia que queria ir descansar em paz na terra dos seus avós, mas sempre temos que ir visitar porque se não as coisas podem andar mal, como doenças má sorte e outras coisas que podem nos perturbar (Rosalina 59 anos viúva 7 filhos, residente em Maxaquene).

Não podemos fazer lume no sítio habitual porque o fogo significa vida e nós estamos perante uma morte, isso pode trazer muitos problemas em casa. É possível morrer muitas pessoas em pouco tempo. Só depois de uma semana quando ele estiver a descansar. Todas as crianças da casa devem ser amarradas um fio de palha para não se assustarem nem ter pesadelos (uma das tias da família do malogrado).

Antes da chegada do corpo em Gaza, os anciãos da família fazem uma reunião no sentido de escolher a posição da sepultura, onde é feita a cerimónia para informar e apelar o acolhimento do finado na outra vida,

O meu sobrinho segundo o avô deve estar debaixo da mafurreira onde o avô gostava de descansar, e antes do enterro devemos convocar o avô para informar que o neto já está a caminho do seu encontro (uma das tias da família do malogrado).

Na sequência da morte do senhor Siteo, o Chefe da família, seus irmãos decidiram que o corpo fosse enterrado na localidade de Malehisse Chibuto (Gaza). Ao sair da Morgue do Hospital Central de Maputo para a casa onde o falecido vivia, o irmão mais velho disse que o corpo devia ser levado ao quarto onde ele dormia e permanecer durante algumas horas, junto da esposa e filhos. O pastor da Igreja Zione, quem presidiu a cerimónia, fez uma oração e orientou a família para que trouxesse uma bacia com água e sal. Enquanto este rezava, juntava água, sal e algumas ervas e, depois deu a família para tomar o banho, cada um a falar dos seus desejos e angústias para o finado.

Depois do banho, o pastor espalhou a água que sobrou pela casa, enquanto que os vizinhos e conhecidos do finado estavam no quintal a cantarem canções da igreja *Tamela rito la yessu li ni lissimangupfu*. Depois do ritual, o corpo foi retirado do quarto para o centro da sala, de maneira que se fizesse um círculo em volta do cachão, onde foi aberto para os familiares e vizinhos se despedirem do finado. O pastor ordenou que os familiares mais próximos fossem os primeiros a verem o finado, enquanto isso se ouvia a voz do pastor a rezar, alguns a cantarem e os familiares a chorarem em coro.

Fora da casa estavam carros dos familiares para seguirem a viagem. A esposa, os filhos e alguns idosos entraram na mesma camioneta com o falecido, e outros familiares seguiram no mini-bus. Por volta das 14 horas iniciou-se a marcha em comboio a uma velocidade de 50k/h, até Malehisse.

Em Gaza, os familiares aguardavam com muita agonia e choros de desespero, enquanto os homens mais velho preparavam a sepultura do finado no lugar apropriado. Logo que o corpo entrou na localidade os vizinhos comunicaram os familiares, e começaram a gritar, e assim toda a localidade se apercebeu que o finado havia chegado, tendo se dirigido à casa da família Siteo para participarem na cerimónia. Na zona de origem o finado teve que passar pela sua casa para se fazer o velório, e depois seguiu-se à sepultura. Os familiares mais próximos ficam por lá durante alguns dias para procederes rituais de purificação.

Como se pode notar, neste processo de transladação há um conjunto de significados que demonstram a relação tendencialmente de dependência e subordinação dos vivos aos mortos para, em troca receber paz e prosperidade.

Depois da morte do tio do Jorge os filhos se negaram de levar o pai para Gaza, alegando que não teriam condições de fazer visitas sistemáticas, assim os tios paternos solicitaram que lhes entregasse as roupas para que se fizesse o enterro. Um dos nossos informantes, contando a maneira como foi tratado os restos mortais da sua avó disse:

Dezoito anos depois da morte da minha avó fez-se um documento para o cemitério a pedir remoção dos seus ossos para província de Gaza. Tais ossos foram transportados em um caixão pequeno, de cerca de 75 centímetros. No acto da remoção o curandeiro que presidia a cerimónia dizia: estamos a pedir para irmos para casa, que os teus

filhos, netos e tantos outros te chamam para os dar sorte e protegê-los de doenças e todos os males que os perseguem (Jorge de 38 anos residente em Maxaquene).

Um caso similar ao caso acima transcrito havia ocorrido em outra família, cujo corpo partira da Morgue do Hospital Central de Maputo,

Quando morreu pai fomos a direcção da morgue do hospital central fazer um pedido de transladação do corpo e, seguimos todos os parâmetros necessários. Quando saiu o despacho de autorização da saída do corpo, os agentes da medicina legal preparam o corpo de maneira que este seja trasladado nas melhores condições. Antes da chegada do corpo a terra de origem, os anciãos da família fazem uma reunião no sentido de escolher a posição da sepultura, onde é feito a cerimónia de informar e apelar o acolhimento do finado na outra vida (...). Na saída de casa para Gaza fizemos um banho com folhas (.....) para purificação dos familiares e seguimos a viagem sem ressentimento para que não aconteça tragédia durante a viagem. E na zona de chegada o régulo mobilizou a população a não ir a machamba no dia do enterro (Palmira de 40 anos residente em Maxaquene).

Compreende-se que os rituais que acompanham a transladação dos corpos e o acompanhamento dos pertences do finado, têm a função de convencer e acolher os espíritos dos falecidos para protegerem os seus parentes vivos e move os homens simultaneamente em muitos níveis psicobiológicos e morais,

O meu marido não chegou de construir nenhuma casa mas sempre dizia que um dia ia voltar para casa, junto dos familiares, mas na verdade ele referia-se a marrumbini (senhora Rosalina de 59 anos residente em Maxaquene).

Durante a deslocação para Malehisse constatou-se que o lugar da sepultura não era na mesma localidade onde os familiares residiam. Segundo eles, aquele lugar é o local onde os seus antepassados viviam e que todos os familiares tinham que ser enterrados naquele local,

Não vou sempre para casa devido ao custo da passagem de Maputo para lá. Não tenho condições para ir sempre. Só consigo ir quando os meus filhos programam para ir visitar o pai ou fazer uma missa (Rosalina de 59 anos residente em Maxaquene).

Tenho ido à Mandjcaze visitar mas tem sido difícil porque tenho que procurar sempre o lugar para hospedar porque a casa dos meus avós que supostamente era casa do meu pai já não existe, mas sim as minhas tias dizem sempre que temos que ir a casa do meu pai, mas a se referirem a marrumbini, onde o meu pai descansa (Jorge de 38 anos residente em Maxaquene).

O espaço que se chama *marrumbini* tem um significado simbólico uma vez que ele não é habitado mas é muito visitado e respeitado, e é considerado espaço sagrado. Entretanto o espaço é mais do que um lugar onde as pessoas se apropriam para residir e para realizar as suas actividades mas muitas vezes coincide e com ele se identificam.

Os mortos também se relacionam entre si. Este relacionamento nos é transmitido através dos sonhos e pelas pessoas dotadas de poder sobrenatural (curandeiro e pastores, por exemplo). Os mortos cantam, choram, zangam-se e fazem expedições para atacar aqueles que não os respeitam e não cumprem com as suas recomendações. Alguns desses mortos têm o estatuto de antepassado dependendo da geração e grau de parentesco.

A maior parte do que fazemos eles é que nos guiam e muitas vezes não temos consciência disso. No que diz respeito ao assunto abordado na nossa pesquisa citamos alguns exemplos, através dos depoimentos que abaixo se seguem,

O meu cunhado esteve muito tempo doente, até perder a memória porque, como disse o curandeiro, ele recusava a seguir o que os nossos avós exigiam – o lobolo. Ele engravidou a minha irmã e passou a viver com ela durante seis anos sem fazer lobolo. O bebé nasceu com defeitos nos pés e na cabeça e, cada vez mais perdia quilos. Procurou-se uma senhora curandeira para ajudar a ver o que se passava e, ela disse que tinha xilala e preparou um remédio para lavar o corpo do bebé mas sem molhar a cabeça. Disse ainda que via os avós, já falecidos, da esposa a chorarem porque não sabiam onde é que a neta estava. Isso tudo porque o meu cunhado não havia lobolado, por isso nem o bebé nem os pais iam viver em paz. Quando o meu cunhado começou a ficar doente procurou-se um curandeiro para ajudar o tratamento e, ele

disse que o meu cunhado não ia sobreviver porque tinha sofrido muito com malhari¹ dos avós da esposa por ter a levado para viver com ela e fazer filhos sem lobolar (Senhora Cacilda de 58 anos, residente no Bairro de Maxaquene).

Quando o cunhado morreu já tinha dois filhos, que hoje já são homens grandes e um deles, o mais velho, já está casado mas ele também não está bem na vida dele. Até agora continuam acontecer coisas estranhas com esse jovem. Ele sonha com o pai a chorar porque não tem paz onde ele está. O médico tradicional que foi chamado para ver o que se passa, disse que é porque ele morreu sem lobolar a mãe e ele vê a triste vida que os filhos levam, por isso eles tinham que lobolar a mãe para que isso não aconteça mais. Só que até agora ainda não se fez nada (Senhora Cacilda de 58 anos, residente no Bairro de Maxaquene).

Outro depoimento diz,

Quando acompanhamos o corpo do meu tio em Gaza e durante a realização da cerimónia fúnebre escutei o meu pai a dizer: vai em paz, encontrar a todos que já nos deixaram e ajude-nos a chamar todos incluindo aqueles que já não nos lembramos, para virem em casa, naquele lugar fresco que nós preparamos para vocês. Protejam-nos contra todos aqueles que não nos querem bem e ajudem-nos a escaparmos dos acidentes, quando voltarmos para Maputo (Bento de 28 anos, residente no Bairro de Maxaquene).

Outro exemplo que mostra a relação do morto com o morto é encontrado na conversa com a Rosalina, ao dizer o seguinte,

Uma pessoa que morre vai encontrar outras já mortas que a recebem, e lá noutro mundo eles convivem a maneira deles que não posso explicar. Se a convivência não for saudável, nós que somos apostólicos conseguimos ver porque eles vêm para reclamar dos outros mortos, a pedir a nossa intervenção para a resolução do problema. Nós ficamos a saber que eles têm uma relação quando um deles aparece em forma de espírito e pousa em um dos crentes para informar que a situação deles não

¹ Azagaias

está bem e diz o que eles precisam (senhora Rosalina de 59 anos, viúva com 7 filhos, residente no Bairro de Maxaquene).

Como mostram os depoimentos das Senhoras. Cacilda e Rosalina e do Sr. Bento, os indivíduos já mortos, como nos referimos na nota introdutória deste subcapítulo, têm o poder de reivindicar, fazer alianças entre eles e desencadear uma luta contra aqueles que não seguem ou que não seguiram os seus desejos. Isso chega a afectar as futuras gerações, como aconteceu com os filhos do cunhado da Sra. Cacilda.

Como se nota, estas pessoas precisam de manter uma boa relação com a comunidade, com os vizinhos, com os familiares e antepassados para poder se sentirem bem com os seus, conseqüentemente ter a prosperidade, paz e riqueza.

O processo de retorno acontece em 3 modos com os vivos, com os doentes e com os mortos, onde estes são tendencialmente dependentes dos antepassados, este processo mostra que é através do cumprimento das regras instituídas na tradição que o grupo alvo se relaciona com *marrumbini*.

7. Considerações finais

O presente estudo analisa as relações dos indivíduos com *marrumbini*, entre os indivíduos oriundos da província de Gaza, residentes no Bairro de Bairro de Maxaquene “A”. A literatura sobre o assunto abordado neste trabalho revela duas abordagens que marcam o debate, uma que analisa a relação como conflitual em que Homem intervém na Natureza para extrair alimentos e bens de prestígio.

A outra abordagem concebe a relação como pacífica, onde há respeito recíproco, interdependência e complementaridade entre os indivíduos espaço e antepassados e, defende que para usar e usufruir do espaço é preciso, antes de tudo, fazer um ritual de aliança com os antepassados pois, eles se encontram ligados à natureza.

.A partir do material etnográfico, permitiu notar que as pessoas se identificam mais com sua terra de origem e, em alguns casos consideram esse espaço, um local sagrado onde buscam a continuidade de vida e estabelecem relações múltiplas fundadas num conjunto de regras instituídas, simbólica e cultural para garantir a manutenção da estrutura social.

Nesse processo, os antepassados desempenham um papel fundamental, quer nos deslocamentos quer na inserção e reinserção das pessoas na comunidade de origem e na decisão de retornar a terra natal. Como também protegem ou desestruturam a convivência familiar.

Os requisitos apresentados permitiram notar que em um mesmo contexto e grupo social, ou mesma família, dependendo das situações e distância temporal e espacial, as pessoas invocam ou deixam de invocar aos antepassados. Sempre que se trata de deslocação dos cadáveres e de pessoas vivas para a terra de origem, antes se informam os antepassados para pedir a protecção.

Para os sujeitos da presente pesquisa, *marrumbini* é local onde os indivíduos buscam a companhia dos familiares e a paz por meios simbólicos e culturais que são manipulados de modo a estruturar o seu modo de vida. Neste contexto é notória a relação recíproca entre a estrutura social e o espaço, uma vez que, as relações sociais são estruturadas em função das representações que eles constroem em torno de *marrumbini*.

Diferentemente da abordagem sobre a relação conflitual que aborda as relações de produção, onde o Homem intervém na Natureza para extrair alimentos e bens de prestígio, sem se preocupar pela sua conservação e preservação (Araújo 1990, Dias 1992, Domingos 2011; Gomes 2008; Viegas 2008).

Sendo de carácter exploratório há aspectos que oferecem interesse no campo para se explorar, por tanto este pode servir de ponto de partida para a realização de outras pesquisas.

Bibliografia

Baptista, D. 1998. *Nas terras do “Deus dará”*: Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo. [Tese de doutoramento em Ciências Sociais]. São Paulo: Universidade Pontifícia Universidade de São Paulo.

Biza, A. 2000. *As Características Sociais das Mulheres Chefes de Agregado Familiar e suas Estratégias de Sobrevivência em Contexto Peri-Urbano*: O Caso do Bairro Luís Cabral.

Blumer H. 1982. *Interracionismo Simbólico: Prespectivas e Método*. Barcelona, (Trabalho publicado em 1963).

Cardoso, F. 1998. “Repensando a Construção do Espaço”. *Revista de História Regional* 3 (1).

Castiano, José. 2006. A construção do Currículo de Sociologia de Educação Tendo em Conta o Contexto Moçambicano» *in Síntese Social: Antropologia, filosofia, Geografia, e História*, ano 1. Maputo: Universidade Pedagógica, Pp 19-28.

Cunha M.C., 1978. *Os Mortos e os Outros: Uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os ÍndiosKrohó*. São Paulo: Editor Hucitec.

Da Matta Roberto. 1997. *A casa e Rua- Espaço Cidadania Mulher e Morte no Brasil*. 5ed. Rio de Janeiro.

Dias, G. F. 1992. *Educação Ambiental: Princípios e Práticas*. 4ª ed. São Paulo: Gaia.

De Araújo, M. 1990. “Migrações Internas e o Processo de Urbanização”, in: *Dinâmica*

Demográfica e Processos Económicos Sociais e Culturais. Maputo: Direcção Nacional de Estatística, Série População e Desenvolvimento, documentos nº 2.

Dubar, C. 1996. *A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Editora Porto.

Evans-Pritchard, E. E. 1981. “Os Nuer do Sul do Sudão “in Fortes M.,E., Evans-Pritchard, (Eds) *Sistemas politica Africanas*. Lisboa. Fundação Gulbenkian.

Ferreira, R. 1963. O Movimento Migratório de Trabalhadores Entre Moçambique e Africa do Sul: Lisboa.

Ferreira Nunes, B. 1996. “Urbanização e Migrações: Reflexões Gerais Para Auxiliar na Interpretação do Fenómeno no Brasil”. SL/SE.

Geertz Clifford. 1973. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTD.

Gennep, A. V. 1998. Os Ritos de Passagem. Petrópolis, Vozes LTDA.

Gentil A., M. 1998. O leão e Caçador Uma Historia da África Sub-Sahariana. Maputo: Imprensa da Universidade Eduardo Mondlane.

George, P. 1977. As Migrações Internacionais. Lisboa: Publicações Domquixote

Gil, António. 1999. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas.

Goldenberg, M. 2001. A Arte de Pesquisa: Como Fazer Pesquisa em Ciências Sociais. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record.

Huisman Denis. 2001. *Dicionário Das Mil Obras de Filosofia*, Porto editora: Porto.

Humbane, Jossias, H. 2008. O papel do Ritual na Construção da Identidade: O caso do Ritual Mhamba

Junod, H. 1996. Usos e Costumes dos Bantu (Tomo I: vida social). Maputo: Arquivo histórico de Moçambique.

Kroeber, A. L. 1993. *Anatureza e Cultura*. Lisboa:edições.

Machado C., A. 1999. *Cuidar dos Mortos*. Sintra: Instituto de Sintra.

Madiquida, H. e Muianga, D. 2013. *Homo SapiensNeanderthalensis*. FLCS_DAA: Universidade Eduardo Mondlane.

Maia, R. L. 2002. “Migrações e Redes de Relações Sociais em Meio Urbano: Um Exemplo a partir do Porto”. *S/L: Revista de Demografia Histórica*.

_____. 2002. *Dicionário de Sociologia*. Porto: Porto Editora.

Minayo, M. e Sanchez, O. 1993. “*Quantitativo-Qualitativo: Oposição o complementaridade?*” In: *Cadernos de Saúde Pública*. 9 (3). pp. 239-262. Disponível em, <http://www.antropocoiso.weblog.com.pt/privado/antrop-tb.cgi/157189>.

Consultado no dia 16 Junho de 2012.

Miranda, Mário. 2001. *Inculturação da fé*. São Paulo: Loyola.

Moreno, Tânia Maria. 2000. *O Sagrado e o Profano: O cemitério na cidade de São Paulo*.

Lei de Terra, nº19/97, de 1 de Outubro.

Lima-Mesquitela, Augusto; Martinez, Benito, et al. 1991. *Intrudroçao à Antropologia Cultural*, Liaboa: editorial Presensa.

Lyra, M. R. B. 2003. “*Sulanca X Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno*”. Campinas: Anais do Seminário Quantos Somos e Quem Somos no Nordeste.

Pereira, C., Gil Filho, S. 2012. “*Geografia da Religião E Espaço Sagrado*”: Diferenças entre as noções de lócus Materiais e Conformação Simbólica. São Paulo; Ateliê Geográfico.

Rafael de Góes, M. 2000. *A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet*. São Paulo.

Rosa, N. 2004. O Complexo Agro-industrial e a Alienação da Relação do Homem com a Terra.

Silva, M. 2006. Dicionário de Conceito Histórico. São Paulo: Contexto.

Simmel, George. 1970. O Individuo e a Liberdade in Sousa, Jessé e Oelze, Berthold. Simmel e a Modernidade, Unb, Brasília: 1998, pp. 109-117.

Turner, Victor W. 1974. Forma E Atributos Dos Ritos De Passagem in *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura* Editora Vozes Ltda: Petrópolis.

Velho, Gilberto. 1986, Subjectividade e sociedade: uma experiencia de geração. Jorge Zahar Editor, pp. 13-56.

Velho, Gilberto, 1981, “Individualismo e Cultura: Notas para Antropologia das Sociedades Contemporânea”. Jorge Zahar.

ANAMM, 2008. “Alguns Dados sobre a Cidade de Maputo”.

([http:// www.anamm.org.mz/maputo.htm](http://www.anamm.org.mz/maputo.htm)) acessado a 20 de Novembro de 2008.

INE, 1997. “Migração”.

(http://www.ine.gov.mz/censos_dir/recenseamento_geral/estudos_analise/migra/view?searchterm=Migrações%20Internas) acessado a 13 de Maio de 2008.